

As Doutrinas Sociaes e o Operariado (*)

Commemora hoje a Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Pernambuco o octogesimo nono anniversario da sua fundação.

Neste quasi seculo de lutas e de esforçados trabalhos tem a Sociedade contribuido para a instrucção e formação de gerações e gerações de artistas pernambucanos.

A sua primeira grande victoria foi incontestavelmente a inauguração deste bello edificio, em que tem a sua séde a sociedade e onde funciona tambem o Lyceu de Artes e Officios, por ella inaugurado, no dia 21 de novembro de 1880, em memoravel sessão, presidida pelo saudoso cathedratico de nossa Faculdade de Direito, dr. Manoel do Nascimento Machado Portella, um dos seus maiores bemfeitores.

O governo da Provincia e o povo em geral contribuíram por meio de subvenções e auxilios diversos para a ultimação deste apreciavel predio, cuja pedra fundamental fôra lançada em 23 de abril de 1871.

(*) Conferencia pronunciada no salão nobre da Sociedade dos Artistas Mecanicos e Liberaes, mantenedora do Lyceu de Artes e Officios, na festa commemorativa do 89.º anniversario de sua fundação, em 22 de Novembro de 1925.

Desde então a sociedade, pela união e pela perseverança de seus associados e directores, tem se mantido constantemente na altura a que soube se elevar no conceito geral, prestigiada por todas as classes influentes de nossa collectividade, que sempre viram nella uma collaboradora efficiente no desenvolver progressivo da grandeza e do nome de Pernambuco.

As Doutrinas Sociaes

Senhores.

Quando pensei em escolher um assumpto para thema da minha palestra de agora, logo me occorreu falar de alguma cousa que interesasse intimamente aos operarios. E nada, supponho, mais interessante hoje, para o operariado, que os assumptos sociaes, mercê das innumerables theorias e doutrinas, que com grande e abundante dialectica têm sido ultimamente desenvolvidas, todas tendentes a dar uma solução a celebre questão social.

Desde logo devo prevenir que se não trata de um profundo estudo da materia, que me não teriam permittido os meus intensos labores de professor e jornalista, mas apenas de ligeiras considerações, que me têm occorrido, ao meditar nos phenomenos sociaes e no complexo problema das relações entre o capital e o trabalho.

Eu sei que o operario moderno estuda, pensa, raciocina, e já procura se informar das bases scientificas e logicas das doutrinas que lhe são offerecidas.

Não é mais aquelle ingenuo operario do seculo passado, sempre de boa fé, sempre confiante, que acceitava á primeira vista, como verdadeiras, as mais abstrusas theorias, não raro utopicas ou inverosimeis, que lhe offertava a mentalidade allucinada de qualquer apostolo do socialismo incandescente.

Ora aqui está, para começar, um vocabulo, cujo exacto alcance jamais seria possivel precisar: — *Socialismo*.

Que é socialismo? Apenas uma expressão communmente empregada hoje pelos economistas para designar uma serie de doutrinas dentre as muitas que visam resolver a muito falada *questão social*.

Questão social — eis outra expressão vaga, fluctuante que conforme o ponto de vista em que se colloca o observador, significa ou não alguma cousa, isto é, exprime ou não um facto real.

Desde logo devo dizer que para mim ha e sempre houve indubitavelmente uma questão social. Seu apparecimento, deve ter assignalado o inicio e o seu fim indicará o termino da vida humana sobre a Terra.

Ella é constituida por toda essa serie de problemas que emergem, a cada momento, do mar revoltado dos interesses contrarios dos homens, por uma imperiosa contingencia da natureza, obrigados a viver associados, sempre e por toda parte associados e concurrentes.

O Direito, delimitando aquelles interesses, e a Moral, traçando a melhor orientação para a actividade humana, isolada constituem o conjuncto das condições existenciaes da sociedade.

Mas os principios juridicos e moraes precisam da consagração dos homens, e é exactamente neste momento que o problema se esboça. Naturalmente a questão social, para a sua solução definitiva, exigirá que sejam sancionados os mais adequados a esse fim, quero dizer, os que melhor possam contribuir para a prosperidade economica da totalidade dos cidadãos.

E é aqui que começa o dissidio.

Porque as opiniões variam e se distribuem por diversas doutrinas, as tão debatidas doutrinas sociaes.

E' evidente que todas não poderão estar de posse da verdade, tão separadas, tão divorciadas, como se encontram nas idéas, que sustentam, e nos procedimentos, que aconselham.

1.º — *A Escola Liberal*, tambem conhecida por *Escola Classica, Individualista* ou *Orthodoxa*;

2.º — *As Escolas Socialistas*, que podem ser

grupadas em muitas modalidades *Communismo, Collectivismo evolucionista, Collectivismo revolucionario, Cooperativismo, Anarchismo* e muitas outras;

3.º — O *Syndicalismo*, succedaneo do socialismo, ao qual se vae lentamente aggregando o anarchismo;

4.º — O *Chistianismo Social*; e

5.º — O *Socialismo do Estado*, ou *Estadismo*, como o chamam alguns.

Escola Liberal

A Escola Liberal, a primeira na ordem das idéas, é a propugnadora do celebre aphorismo—*laissez faire, laissez passer — deixae fazer, deixae passar*.

Elevando a liberdade individual á categoria de um dogma intangivel, ella preconisa coherentemente o minimo de intervenção do poder publico nas questões sociaes.

Os governos devem assistir impassiveis ás agitações e aos soffrimentos da sociedade, de braços cruzados, limitando-se unicamente ao papel de um mero garantidor das liberdades individuaes, — a liberdade de trabalho, a liberdade das convenções, a liberdade de commercio.

Mas é evidente que ha occurrencias, factos, na sociedade, para os quaes a actuação do individuo isolado é inefficiente e até mesmo illegitima.

No caso, por exemplo de grande calamidade publica ou de uma epidemia, a acção individual seria sempre falha, porque jamais se poderia esperar da actividade particular um socorro prompto e proporcionado á extensão do mal.

De accordo com o principio basico desta escola seriam mesmo condemnaveis quaesquer medidas de policia ou de hygiene, porque todas tocariam, de uma ou de outra forma, á liberdade individual.

Os factos se encarregam por si sós de desmentir as normas fundamentaes desta Escola, que entretanto, como bem

o dizem os economistas, teve o merito de preparar o advento de uma sciencia economica.

As Escolas Socialistas

Em opposição completa á doutrina da Escola liberal, que como se viu entrega o individuo a si mesmo, as Escolas Socialistas, prescrevem, na sua quasi totalidade, a posse completa do individuo pela sociedade, á qual deve ficar absolutamente submettido.

Para o socialismo a organização social, tal como existe actualmente, está eivada de males incuraveis que serão a causa de seu proximo fim.

O motivo primordial dessa desorganização, que elles procuram a todo custo provar, é a concentração dos capitaes, nas mãos de uma minoria, que explora as massas, fazendo-as trabalhar em seu proveito.

Propugna, por isso, por uma nova ordem social, da qual sejam banidos o capital e o seu correlativo, o salario.

Conforme o modo de determinar a extensão dessa mudança, dessa grande reforma social, os socialistas se grupam em diversas classes :

1 — Os communistas que desejam a supressão da propriedade privada, quanto a todos os bens.

2 — Os collectivistas que propugnam pela supressão da propriedade privada, sómente quanto aos bens que servem a producção.

3 — Os socialistas agrarios que se sastifazem com a supressão da propriedade somente quanto aos bens immoveis, terras e casas.

Ha ainda que falar no *Anarchismo*.

São suas idéas tão extravagantes e diversas das escolas socialistas que ha mesmo quem diga que não se o deve considerar como um ramo do socialismo,

Ao passo que o socialismo exige uma organização social profundamente disciplinada, o anarchismo se caracteriza pelo seu horror a toda regulamentação, a toda coacção legal.

Supprime mesmo toda a lei. Os principios anarchistas aproximar-se-iam dos da Escola Liberal, si não sustentassem dogmaticamente que a propriedade individual é incompatível com a plena independencia por elles reclamada para o individuo.

As bases do socialismo moderno devem ser procuradas nas celebres theorias pregadas pelos utopistas: na *Cidade do Sol*, de *Campanella*; no *Phalansterio*, de *Fourier*, nas notaveis criações de *Saint-Simon Blanc*, *Morellet*.

Esses idealistas limitaram-se apenas a descrever uma sociedade sem paixões. Procuraram demonstrar a possibilidade da sua existencia, mas não cogitaram, nem de longe, na sua objectivação.

Differentemente dos seus emulos do passado, os socialistas modernos preocupam-se, sobretudo, com a objectivação do seu programma social. Na sua maior parte preconizam uma evolução que julgam o meio indispensavel e proprio para attingir o seu ideal.

Alargam o mais possivel a ingerencia dos poderes do Estado, nos negocios sociaes, de modo a tornar em serviços publicos tudo o que é hoje da alçada particular.

Como se vê, o socialismo não bane o Estado. Transforma-o apenas. Muda-o de *Estado burguez*, que o é hoje, na sua opinião, de Estado politico, em um Estado unicamente economico, que terá antes a feição do Conselho administrativo de uma grande cooperativa nacional.

E é aqui que está o ponto de distincção entre o *socialismo puro*, tambem chamado *democratico* e o *Socialismo d'Estado*, como veremos adiante.

A sociedade é o campo natural de experimentação das doutrinas sociaes.

O Socialismo, que teve sua phase aurea, com Marx, Robertus, Lassalle, Ferri e tantos outros, começa a decahir.

São innumerous os exemplos que nos veem do estrangeiro. Na França, na Allemanha, na Italia, na Hespanha, por toda parte e, sobretudo na Russia, o socialismo puro revolucionario, abriu fallencia.

A realidade demonstrou que aquellas theorias artificiaes, completamente divorciadas da real natureza humana, completamente desconhecedoras da psychologia do homem, não passavam de um simples sonho irrealisavel.

O proprio Collectivismo, a ultima seita socialista, e que parecia destinada a substituir todas as outras, aliás sempre divergentes entre si, defronta-se hoje com uma nova doutrina, que por toda a parte se vae propagando e florescendo — o Syndicalismo.

O Syndicalismo

E' verdade que os collectivistas não pretendem reconhecer divergencias entre as suas e as idéas dos syndicalistas triumphantes.

Estes, porém, fazem grande empenho em realizar a sua separação dos collectivistas, cujas doutrinas acoimam de chimericas.

Eis como no Congresso de 1907, se exprimiu um membro influente do syndicalismo, dirigindo-se a um dos chefes do socialismo francez :

“As vossas concepções são utopicas, porquanto dão á força coercitiva do Estado um valor creador que ella não tem... Não fareis surgir de subito uma sociedade inteiramente constituida ; não dareis aos operarios a capacidade de dirigir a producção e o intercambio; sereis, senhores do momento, possuireis todo o poder que hontem pertencia á burguezia, accumulareis decretos sobre decretos, mas não fareis milagres e não tornareis os operarios repentinamente aptos a substituir os capitalistas.

Em que, dizei-me, terá a posse do poder por alguns homens politicos transformado a psychologia das massas, modificado os sentimentos, augmentado as aptidões, creado novas regras de vida?" (Le Bon, *Psychologia Politica*).

Por toda a parte o Syndicalismo se vae infiltrando. As organizações syndicalistas estão hoje na moda.

O seu intuito é disciplinar as pequenas parcellas da actividade individual isolada para formar com ellas uma grande e respeitavel força, ante a qual se curve o proprio poder do Estado.

Grande parte do operariado mundial é syndicalista.

Ha dois syndicalismos, pode-se dizer: o *pacifico*—que aspira unicamente defender os naturaes interesses das classes operarias e o *revolucionario*, de que nos servirá de exemplo a celebre Confederação do Trabalho, organizada na França, e que pretende ser um syndicato geral, abrangendo todos os outros.

O ultimo—o revolucionario, preconiza o emprego de processos irregulares—as ameaças, a *sabotage*, as paredes para a realização dos seus designios.

Essa sua maneira de agir grangeou-lhe a sympathia dos anarchistas, que adoptam identicos processos, senão peores, e que começam a se alistar sob a sua bandeira, muito a contragosto dos verdadeiros syndicalistas.

O syndicalismo revolucionario nunca conseguirá proporcionar aos operarios a felicidade que elles tão anciosamente aspiram, porque jamais poderá haver felicidade sem liberdade.

E a base deste syndicalismo é a maior obediencia dos operarios ás suas associações. Elle os reduz á situação de verdadeiros escravos dos directores dos syndicatos, para que estes os possam movimentar a seu bello prazer para o mal, que é o seu processo predilecto.

Resta saber si os operarios, seus filiados, estarão dispostos a supportar por muito tempo essa nova forma de escravidão.

Uma nova abolição ditada por elles proprios os redimirá sem duvida dentro em pouco.

O syndicalismo pacifico, seguido pelos anglo-saxonios, é, ao contrario, bem recommendavel. Sua unica preocupação está nos interesses economicos. Elle ignora as lutas de classes, permittindo a approximação de patrões e operarios.

O Christianismo Social

O *Christianismo Social*—que se apresenta como um eclectismo do socialismo puro e do Socialismo do Estado —é *catholico* e *protestante*, conforme é procedido pela Igreja Romana ou pelas outras seitas christãs.

O catholicismo, criticando a organização social actual, o capitalismo, os lucros excessivos, as grandes companhias, a livre troca, o internacionalismo, a concurrencia, foi baptisado pelos economistas liberaes com a denominação de Socialismo Catholico de que elle, aliás, se defende vigorosamente: não pretende abolir as instituições fundamentaes da ordem social actual, taes como, a propriedade, a hereditariedade, o salario, mas apenas impregnal-as das idéas christãs. E' uma doutrina eclectica, antes conservadora que revolucionaria.

O mesmo não acontece com o protestantismo social, que condemna a ordem economica actual. Não admitte a concurrencia nem o lucro; acceta a propriedade apenas como função social. Para elle a unica forma de associação capaz de evitar a competição é o *cooperativismo*.

Socialismo do Estado

Para concluirmos essa rapida exposição das diversas doutrinas sociaes, resta-nos tocar no chamado—Socialismo do Estado.

Pode-se desde logo affirmar que é a doutrina dominante hoje, inspirada nos factos historicos, outra cousa não faz senão reconhecer a intervenção do Estado como o melhor e mais efficiente meio de se obter o aprimoramento da organização social actual.

O Estado, por mais rudimentar ou defeituosa que tenha sido a sua organização no passado, foi incontestavelmente o autor das mais notáveis obras de philantropia e nivelamento social, obras que a iniciativa particular jamais conseguiria realizar.

A abolição da escravatura, da servidão, das dignidades, a regulamentação do trabalho, a protecção aos menores desamparados, a construcção das estradas, a hygiene urbana e rural—são tantas outras realizações, nas quaes somente o Estado poderia obter resultados seguros.

Esta doutrina se distingue das procedentes pelo papel saliente que confere ao Estado, na sua forma actual.

Preconizando a sua intromissão no aperfeiçoamento das condições de vida social—aproxima-se, por esse seu intervencionismo, da Escola Historica, que tambem o recommenda e se distancia da *Escola Classica* que o condemna.

O Estado, affirmam os adeptos da doutrina, está em optimas condições para espalhar o bem na sociedade graças á actuação directa, que sobre ella exerce, por meio da elaboracão das leis.

E foi a propaganda em favor do alargamento crescente das attribuições do Estado, para que melhor pudesse elle intervir na organização social—que grangeou para esta doutrina o epitheto de socialista. Chamaram-n'a *Socialismo do Estado*.

Os seus partidarios entendem que—o Estado não deve ser puramente politico, não deve ser relegado exclusivamente á posição de um simples executor da lei; deve tambem, e sobretudo, ter o direito, senão o dever, de intervir nas questões sociaes, não só para encorajar e animar a iniciativa privada, outorgando-lhe favores diversos sempre que ella propugne pelo aperfeiçoamento do organismo social, mas tambem para crear e regulamentar instituições officiaes de educação e de assistencia publica.

Os seus partidarios extremados admittem que o Estado, sem perder o character de organização politica seja transfor-

mado em um grande poder economico, podendo intervir directa e activamente na produçãõ, no consumo e até na circulação das riquezas.

Esta doutrina, não obstante a censura que lhe tem sido dirigida de dar aos governos uma força excessiva, de que elles poderão se utilizar muitas vezes para fins eleitoraes, absolutamente contrarios aos interesses reaes das massas, têm tido entretanto o grande merito de concorrer para a conservação do equilibrio entre as diversas forças sociaes que tem defrontado nos ultimos cincoenta annos.

E' adoptada por todos os Estados.

A ella pode-se dizer, são devidas todas estas instituições de benemerencia social, ultimamente objectivadas pelos governos.

O Trabalho e o Capital

Das doutrinas sociaes, que analysei, somente as que constituem o socialismo puro, se apresentaram com o programma de falar ao operariado.

Effectivamente, antes do apparecimento do socialismo, nenhum doutrinador se preocupara com o fazer propaganda de suas idéas no seio das classes operarias. Os primeiros que se entregaram a essa tarefa foram os fundadores do pretendido socialismo scientifico, que teve assim, não se pode negar, a vantagem de chamar a attenção de toda a gente para essas classes esquecidas, tornando a sua situação objecto de uma preocupação geral.

O que se lhe deve censurar, entretanto, é o ter posto em campos adversos o capital e o trabalho, patrões e operarios, falando abertamente na luta das classes.

Assim entre o trabalho e o capital, que juntos têm incontestavelmente constituído um factor decisivo do progresso humano nos dois ultimos seculos, surgiu a ameaça de uma seria divergencia.

Certos socialistas pregaram mesmo a supressão do capital.

Esta supressão — quando não fosse uma grande utopia, acarretaria a ruina do proprio operario. Utopia, porque si o operariado despojasse de seus haveres o capitalismo e tomasse o seu logar, tornar-se-ia tambem um outro *capitalismo* e estaria incorrendo nos mesmos defeitos do primeiro. Ruina do operariado, porque este, pouco afeito á direcção superior da producção e do intercambio commercial, seria apenas senhor da fortuna da burguezia por momentos, perdendo-a fatalmente, dentro em pouco tempo, para outras classes mais experientes.

O trabalho e o capital são complementos reciprocos. O trabalhador e o capitalista industrial jamais se poderão separar. O capitalista não poderia viver sem os operarios, que nas suas fabricas transformam as materias primas nos productos necessarios á vida; os operarios não poderiam viver tambem sem as organizações capitalistas que montam as fabricas, que organizam a cultura dos campos e formam os grandes emporios do trabalho.

Aqui mesmo entre nós temos o exemplo. As novas fabricas que surgem, as fabricas de tecido, as grandes serrarias mecanicas, as empresas graphicas, as empresas constructoras — e que não surgiriam si não houvesse uma classe capitalista e technica que as montasse; as novas companhias de serviços publicos — de bonds, luz, telephones e tantas outras vieram proporcionar á classe operaria um numero de empregos e collocações, cujo effeito foi sem duvida melhorar a vida dos operarios.

Qualquer novo estabelecimento, qualquer nova industria, que o capitalista funde entre nós não contribuirá por acaso para nosso progresso? Não dará trabalho a innumerous operarios que se encontram no momento sem emprego e sem meios de o obter facilmente? Não aproveitará melhor a actividade de outros permittindo-lhe um accesso talvez ha muito dese-

jado? Seria possível esperar semelhante resultado exclusivamente dos operarios? Certamente, que não.

Ao meu ver na fixação do salario estará, na maioria dos casos, a solução de todas as divergencias entre patrões e operarios.

Que o operario perceba pela seu serviço uma remuneração tal que lhe permitta satisfazer todas as necessidades, suas e de sua familia.

Os *socialistas puros* combatem o salario, a *ultima transformação da servidão*, — segundo dizem.

Ora, isso é falso, porque os escravos e os servos jamais tiveram a liberdade de abandonar o serviço dos seus senhores como têm hoje os operarios, que, aliás, contractam com seus patrões num perfeito pé de egualdade.

E depois, como bem salientam os novos economistas, graças a protecção da moderna legislação operaria, estão muito diminuidos os efeitos dessa dependencia social.

O operario tem no salario vantagens incontestaveis: conhece-o previamente e recebe-o em uma data fixa, qualquer que seja a situação da empresa a que pertença.

«A verdade é, diz notavel economista, que nem a terra é productiva, não é productivo o trabalho, nem são productivos os capitaes: a producção é o resultado desses elementos necessarios, que tomados isoladamente, são todos trez igualmente estereis.»

Uma analyse ponderada da actual situação dos trabalhadores mostrar-nos-ia, aliás, que por toda a parte, ella é muito prospera.

Como, porém, a realidade para nós é aquillo em que acreditamos, operarios ha que, ouvindo as theorias artificiaes de pretensos doutrinadores, se persuadem da sua veracidade e terminam por se convencer de que a sua situação actual é de uma verdadeira ignominia,

E' preciso que os operarios se não deixem levar pelas declamações espectaculosas desses instilladores da insatisfação social, seus falsos amigos, que, arvorando-se em defensores das classes proletarias, procuram apenas explorar-lhes a grande força social, orientando-a a favor das suas utopicas aspirações ou utilizando-a na satisfação de seus inconfessaveis interesses pessoais, absolutamente despreocupados de obter uma vantagem qualquer para as classes operarias.

Os trabalhadores precisam distinguir entre esses exploradores de sua bôa fé e os seus verdadeiros amigos, aquelles que comprehendem as suas reaes necessidades, os seus verdadeiros sentimentos, os seus naturaes desejos, e se esforçam sinceramente por satisfazel-os.

E' preciso não mais se deixar levar pelo velho e conhecido truque desses visionarios que procuram persuadir-os de que estão sendo victimas das maiores injustiças.

O Socialismo do Estado em acção

Os governos adeantados modernos estão quasi todos compenetrados do dever moral de attender ás reaes necessidades das populações, proporcionando-lhes o maximo de bem estar.

As obras de assistencia social deixam de ser simples actos de benemerencia para se transformar num dever moral indiscutivel e imperioso.

Essa verdade nunca foi esquecida pelos Estados, como bem o provam as innumeradas instituições de regulamentação do trabalho e de assistencia ao operario, existentes em quasi todos os Estados do mundo.

No Brasil, o "Conselho Nacional do Trabalho", a lei brasileira de accidentes no trabalho, a lei das Caixas ferroviarias e tantas outras medidas de assistencia ao operario, provam-nos que em nosso paiz, onde aliás, as condições do operario jamais fôram identicas ás do trabalhador europeu, esses problemas não foram descurados.

Quanto a Pernambuco, todos vós, aqui presentes, sois outras tantas testemunhas dos actos de seu actual governo em prol das classes obreiras de nossa terra.

Em primeiro lugar houve assistencia pelo trabalho.

O governo, tomando a iniciativa da realização de innumerables serviços, taes como, as Obras Complementares do Porto, a construcção de diversos edificios publicos, das novas linhas d'agua, de exgotos, de praças, jardins, ruas, avenidas, canaes, pontes, cadeias, estradas, aterros, trabalhos sanitarios e tantas outras obras, animou, como todos nós vimos, extraordinariamente a iniciativa particular, que se manifestou por essa quasi construcção de um novo Recife, mais bello, mais confortavel, cheio de movimento e de vida.

Esse augmento de trabalho trouxe tambem um sensivel augmento no salario do trabalhador.

A iniciativa do governo fez-se sentir directamente em favor dos operarios quando creou a curadoria dos accidentados no trabalho, que tornou real o cumprimento da lei de accidentes entre nós.

Ainda o governo fez sanear as zonas insalubres, e habitadas por dezenas de milhares de operarios, abrindo drenos, exgotando lagôas; organizou e custeia varios hospitaes novos de que se utilizam grandemente os operarios; creou um serviço de visitadoras que presta inestimaveis serviços á classe operaria, assistindo as mães pobres e cuidando das crianças desvalidas, filhas de operarios.

O governo instituiu, além de tudo, um Departamento Estadual do Trabalho, que tem por missão velar pela provisão de trabalho aos operarios que estejam deslocados.

A Casa Operaria, a louvavel instituição, cujos serviços relevantes aos operarios são indiscutíveis, proporcionando-lhes casa, com agua, installação sanitaria e luz electrica, por menos de cincoenta mil réis mensaes, toda gente o sabe, nasceu de uma iniciativa dos actuaes governantes, que na sua maioria, têm parte de sua direcção.

São innumerous os actos com que a actual administração pernambucana tem demonstrado á sociedade a sua dedicação ás classes operarias nas quaes vê a pedra angular do futuro promissor da nossa terra.

No lemma da actual administração — Paz e Trabalho — a palavra — *trabalho* — constitue a maior homenagem que as classes dirigentes do Estado poderiam prestar á classe dos operarios manuaes de Pernambuco, em cujo numero se encontram os artistas mecanicos e liberaes, membros desta benemerita Sociedade, que hoje tão justamente recebe os applausos da collectividade pernambucana concretisados nos votos, que todos fazemos, pela sua prosperidade e constante engrandecimento.

DR. SERGIO LORETO FILHO
